



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**CATARINA MAIA BRAGA DE SOUZA
YNGRIDI DA SILVA PAIVA COSTA DOS SANTOS**

**A DINÂMICA DO DATING VIOLENCE ENTRE JOVENS UNIVERSITÁRIOS NA
CAPITAL FEDERAL BRASILEIRA**

**BRASÍLIA
2022**



**CATARINA MAIA BRAGA DE SOUZA
YNGRIDI DA SILVA PAIVA COSTA DOS SANTOS**

**A DINÂMICA DO DATING VIOLENCE ENTRE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS DA CAPITAL FEDERAL BRASILEIRA**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Orientação: Julliane Messias Cordeiro Sampaio.

**BRASÍLIA
2022**

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar essa pesquisa não seria possível sem o apoio, incentivo e encorajamento da **Professora Dra. Julliane Messias Cordeiro Sampaio**, por isso deixamos aqui nosso profundo agradecimento a essa mulher incrível.

Em conseqüente, agradecemos a **todos os participantes** da pesquisa, que disponibilizaram seu tempo, histórias e vivências, por vezes, dolorosa respondendo esse questionário e nos permitindo adquirir conhecimento e dados para elucidar o *dating violence*.

Além disso, agradecemos em especial ao **CNPq e a toda equipe do Projeto de Iniciação Científica (PIC) do Centro Universitário de Brasília- CEUB**, por todo apoio e assistência prestados, esperamos que o presente trabalho faça jus a oportunidade que recebemos.

RESUMO

O *dating violence* ou violência no namoro caracteriza-se pela ocorrência de violência multifacetada que pode ser simbólica, verbal, psicológica, moral e física, ocasionadas de maneira isolada ou associada, que cause danos, sofrimento, abuso de poder e/ou morte ao parceiro íntimo. Essa tipificação da violência interpessoal ocorre entre adolescentes e jovens adultos que ainda estão em processo de amadurecimento da identidade, sexualidade e autoconfiança. O objetivo da presente pesquisa consistiu em analisar a dinâmica do *dating violence* entre os estudantes universitários da capital federal brasileira. Tratou-se de um estudo descritivo e transversal de abordagem quantitativa; a coleta de dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário estruturado composto por 54 questões utilizando a técnica "Bola de Neve". Os resultados apontaram que dos 277 respondentes 82,3% eram do gênero feminino, estavam na faixa etária de 19 a 22 anos de idade (59,2%) e se autodeclararam heterossexuais (69,3%). A maioria dos universitários afirmou ter iniciado suas relações afetivo-sexuais dos 12 aos 18 anos (83%) e 57,1% relataram ter agredido verbalmente e 55% referiram ter sido vítimas de agressão verbal. Os dados despontaram 18% de vítimas de abuso sexual e 15,1% de vitimização por agressão física. A violência psicológica foi a mais referida além disso, os estudantes reconhecem o ciúme como uma violência e a associação entre o *dating* e o baixo desempenho acadêmico. Neste sentido, o espaço universitário é um ambiente propício para construção de um espaço dialógico e de implementação de medidas preventivas e protetivas contra a violência no namoro, dados os efeitos deletérios que esse tipo de conflito pode provocar na vida dos envolvidos.

Palavras-chave: *Dating violence*; Violência entre parceiros íntimos; Violência de gênero.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
3	MÉTODO	10
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
	REFERÊNCIAS	24
	APÊNDICE A	28
	APÊNDICE B	33

1. INTRODUÇÃO

O início do século XXI, no Brasil, foi marcado pela investigação da transição epidemiológica, onde as causas de mortalidade e morbimortalidade deixaram de ser provocadas majoritariamente por doenças infecciosas, crônicas e degenerativas e cederam lugar para agravos de cunho social, cultural, ambiental e econômico. A transformação do perfil e contexto das taxas de morbimortalidade, que passaram a incluir questões, como a violência e os efeitos adversos que possui na vida das pessoas afetadas levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a caracterizar a violência e suas variadas manifestações como problema de saúde pública, em especial a violência interpessoal perpetrada por parceiros íntimos (NJAINÉ et al., 2020; OMS, 2002; MARTINS et al., 2021).

Embora por muito tempo o conceito de violência ocasionada por parceiros íntimos tenha incluído apenas o vínculo matrimonial, nas últimas décadas, com a mudança das formas de se relacionar, através de relacionamentos mais fluídos e descompromissados, a violência nas relações de namoro, ganhou interesse público e relevância científica. Visto que, as consequências da vitimização no namoro começaram a ser percebidas, entre elas os transtornos psicológicos (depressão, ansiedade, pensamentos suicidas), o abuso de substâncias como álcool e drogas, o baixo rendimento acadêmico, os prejuízos no bem-estar dos jovens a longo prazo e principalmente por que a violência no namoro se tornou um preditor para a ocorrência de violência conjugal (HERNÁNDEZ, MORENO, VIVEROS, 2018).

Dessa forma, *dating violence* ou violência no namoro caracteriza-se pela ocorrência de violência multifacetada que pode ser simbólica, verbal, psicológica, moral e física, ocasionadas de maneira isolada ou associada, que cause danos, sofrimento, abuso de poder e/ou morte ao parceiro íntimo (SOUZA; PASCOALETO; MENDONÇA, 2018). Essa tipificação da violência interpessoal ocorre entre adolescentes e jovens adultos que ainda estão em processo de amadurecimento da identidade, sexualidade e autoconfiança. Portanto, vivenciar a violência durante essa fase da construção de personalidade pode ocasionar danos à saúde psicológica e física dos jovens, bem como se perpetuar nos relacionamentos futuros (BENAVIDES, 2016).

A primeira menção acerca do tema ocorreu em 1981, por Makepeace, nos Estados Unidos, desde então a temática vem ganhando espaço em países como Canadá, Portugal, México, Espanha e Brasil (MAKEPEACE, 1981; BITTAR; NAKANO, 2017). Embora a violência seja vista como um tema universal, estudar sobre o *dating violence*, possui alguns desafios e fragilidades, alguns autores apontam que as diferenças culturais e religiosas, tornam-se impeditivos para a abordagem do tema, já que em muitas sociedades a violência dentro do contexto dos relacionamentos pode ser naturalizada e socialmente aceita (TAQUETTE; MONTEIRO, 2019).

No Brasil, as principais fragilidades em pesquisar sobre o tema incluem: a dificuldade em acessar e trabalhar com o público jovem, a complexidade em definir o que é a violência e a incipiente produção acadêmica acerca da temática. Não obstante, a banalização da violência, principalmente quando manifestada de forma psicológica, uma vez que, por não proporcionar danos físicos imediatos, pode ser vista como acontecimento desagradável e ruim, mas, não necessariamente como violência, também são desafios para a pesquisa do *dating* (CARVALHAES; CÁRDENAS, 2021).

O primeiro grande estudo sobre a violência no namoro, no Brasil, foi realizado por Minayo e cols. (2011), a pesquisa foi realizada em dez cidades brasileiras que foram escolhidas através do critério de representatividade e diversidade dos contextos socioculturais das diferentes regiões brasileiras, também foram levados em consideração as cidades com elevados índices de morbimortalidade por violência entre parceiros íntimos. Outros autores no panorama nacional são Flake e cols. (2013), Bittar e Nakano (2018), Cecchetto e cols. (2016), Njaine e cols. (2020) entre outros. No cenário internacional nomes como Ortega e Sánchez (2008), Caridade e Machado (2006), Flores-Garrido e Barreto-Ávila (2018), Benavides (2016), são pesquisadores assíduos sobre a violência entre parceiros íntimos.

Destarte, reconhecendo a universidade como ambiente facilitador e propício para a investigação da violência entre parceiros, o objetivo geral da presente pesquisa consistiu em analisar a dinâmica do *dating violence* entre os estudantes universitários da capital federal brasileira, e para tanto, elencou-se como objetivos específicos: descrever o perfil sociodemográfico dos jovens participantes; identificar os tipos de violência mais comuns nas relações envolvendo o *dating* e descrever a percepção dos universitários frente à situações que envolvem violência no namoro.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por muito tempo a temática da violência envolvendo jovens foi associada à tradicional forma de *bullying* ou a violência de rua, entre gangues. Entretanto, nas últimas décadas encontramos outras formas negativas de relações, que compartilham algumas características de domínio e submissão, principalmente, nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes e jovens adultos. A inércia em se estudar a violência no namoro pode ser explicada pela crença errônea de que namoro não é lugar para violência (ORTEGA; SÁNCHEZ, 2008; CARVALHAES; CÁRDENAS, 2021).

Diferente de outras tipificações da violência interpessoal, onde o papel de vítima e agressor fica claro, no *dating*, a violência pode ser vivenciada de forma recíproca entre os pares, ou seja, a violência é perpetrada por homens e mulheres. Todavia é consenso que as mulheres são as maiores vítimas, visto que, sofrem consequências de maior gravidade sejam elas psicológicas, físicas, sexuais e/ou morais (BITTAR; NAKANO, 2018).

A reciprocidade da violência no namoro tem sido elucidada através das normas de gênero que orbitam em torno da dicotomia mulher/vítima e homem/agressor (CARVALHAES; CÁRDENAS, 2021). Diversas pesquisas analisam as manifestações da violência e sua relação com as questões de gênero, atualmente, na literatura já existe evidência de que as mulheres estão em igualdade com os homens em relação a perpetração da violência, entretanto a manifestação de violência empregada é diferente, bem como existe escassez de investigação sobre a vitimização masculina no *dating* (BENAVIDES et al., 2016).

Pesquisa realizada por Carvalhaes e Cárdenas (2021), apontou que a distinção entre valores morais também influencia na visão de gênero a respeito da violência. Durante a coleta de dados e entrevistas, as autoras relatam que estudantes e profissionais da escola utilizavam de seus valores morais para fazer conjecturas e imposições sobre o comportamento dos estudantes. A fofoca foi usada pelos estudantes como forma de controle social, principalmente sobre o gênero feminino e sua sexualidade, enquanto os profissionais da educação manejam com maior vigor as repreensões sobre o comportamento de casais homoafetivos na escola. Dessa forma, o ambiente escolar acaba atuando como um local de reprodução de preconceitos e julgamentos, o que impede os jovens de buscarem ajuda quando são vítimas de violência (FLORES-GARRIDO; BARRETO-ÁVILA, 2018).

Ainda dentro do contexto escolar, estudos indicam que o círculo social dos jovens, que, normalmente, é composto por colegas de escola/universidade pode agir como fator de risco para a incidência da violência no namoro. Isso ocorre, pois os jovens buscam conselhos e apoio dos amigos, além de compartilharem pensamentos e experiências vividas no relacionamento, com isso a forma como os jovens assimilam as condutas violentas no namoro pode gerar a naturalização e aceitação das agressões para as vítimas (Oliveira, 2014; Borges & Dell'aglio, 2020).

Ademais, entre os fatores que predis põe o *dating*, encontra-se o histórico de violência intrafamiliar, maus-tratos na infância, hábitos parentais, assim como, fatores socioeconômicos como baixa escolaridade, vulnerabilidade econômica e sociodemográficos como idade, gênero, etnia, práticas religiosas. Além disso, a presença de depressão, abuso sexual, iniciação sexual precoce, consumo de álcool e drogas também aumentam a probabilidade de vivenciar a violência no namoro (FLORES-GARRIDO; BARRETO-ÁVILA, 2018; BORGES, 2016).

Já como fatores protetivos a literatura cita a capacidade de identificar a violência sofrida pelas vítimas, bem como, possuir uma rede de apoio seja composta pela família, amigos ou profissionais da saúde. O reconhecimento precoce da violência possibilita maior apoio social, aumentando, dessa forma, o impacto positivo na vida das vítimas, reduzindo as consequências da violência e impedindo a perpetuação das agressões em relacionamentos futuros (HERNÁNDEZ; MORENO; VIVEROS, 2018).

Os estudos sobre a temática da violência nas relações íntimas tiveram início em 1970, foram explorados com maior ênfase nos relacionamentos heterossexuais. A violência no namoro em relações LGBT começou a ser pesquisada em 1990, onde pesquisas semelhantes foram realizadas tendo como foco principal casais homossexuais. Na literatura científica, pesquisas envolvendo a população LGBTQIAP+ tendem a se direcionar a crimes de ódio, como homofobia e bullying, desprezando o fato de que os jovens pertencentes ao grupo se encontram em situação vulnerável por estarem inseridos em outros contextos de violência, estando mais favoráveis a sofrer violência em seus relacionamentos íntimos (COSTA, 2021).

A pressão socialmente imposta da heteronormatividade expõem jovens da comunidade LGBT, uma vez que sempre focaliza relacionamentos de casais do sexo oposto, dificultando a percepção a violência doméstica, de gênero, transfóbica e

bifóbica sofridas pela comunidade. Nesse contexto heteronormativo, é socialmente instituída a homofobia, empregando a visão de que a união íntima entre casais do mesmo gênero não é algo natural, nessa conjuntura, nasce uma comunidade fragilizada pelos preconceitos socialmente impostos (BARROS; SANI; SANTOS, 2019; COSTA, 2021).

Pesquisa conduzida por Dank e cols. (2013), apresentou resultados que diferem a violência por parceiro íntimo entre casais do mesmo sexo e de sexo oposto. Os resultados apontam que os jovens pertencentes ao grupo LGBT apresentam maior risco de sofrer violência no namoro comparado à jovens heterossexuais. A violência no namoro em casais homoafetivos possui características de manifestação e dinâmicas semelhantes às do *dating violence* em relacionamentos heterossexuais, no entanto, ainda assim o público LGBT apresenta maior risco de sofrer e perpetrar violência em seus relacionamentos íntimos (ELÍSIO; NEVES; PAULOS, 2018).

Dessa forma, urge a necessidade de se implementar medidas de apoio aos jovens que sofrem com o abuso em seus relacionamentos íntimos, sem preconceitos ou imposição de valores morais particulares. Visto que, as consequências do *dating* não podem ser enfrentadas de maneira isolada pelos jovens, o apoio social, tanto de profissionais da educação, saúde e as políticas públicas devem atuar em conjunto para a divulgação e sensibilização acerca da temática, favorecendo, dessa forma, a vivência de relacionamentos saudáveis (COSTA; MODESTO, 2020).

3. MÉTODO

Tratou-se de uma pesquisa transversal, com abordagem quantitativa, de análise descritiva, que teve como objetivo analisar a dinâmica e as manifestações da violência do namoro entre jovens universitários da capital brasileira, durante o período de dezembro de 2021 a maio de 2022.

Minayo (2011), define namoro como uma relação entre indivíduos na qual se atraem e experimentam intimidades e sentimentos, porém apesar da visão de amor romântico estar muito associada nas relações de namoro, podem existir violências multifacetadas envolvendo esse tipo de relacionamento. A violência no namoro ou *dating violence* é conceituada por Nascimento e Cordeiro (2011), como qualquer ocorrência de atos violentos no contexto de uma relação íntima, podendo se manifestar com ações de natureza psicológica, física, verbal ou moral.

Foram elegíveis a participar da pesquisa estudantes universitários, maiores de 18 anos de idade, matriculados efetivamente em uma instituição de ensino superior do Distrito Federal, sendo incluídos apenas aqueles universitários que mantiveram relacionamentos afetivos nos últimos 12 meses. Foram excluídos da pesquisa, estudantes que não estivessem matriculados em uma instituição de ensino superior ou que já concluíssem o curso, assim como, universitários que coabitam com seu parceiro íntimo e estudantes menores de 18 anos de idade.

Para a captação de participantes foi utilizada a técnica "Bola de Neve" que consiste em replicar o questionário por e-mail e WhatsApp®, semanalmente, a fim de captar estudantes universitários que possuíssem as características adequadas para a participação do estudo, o questionário foi emitido a partir de um sujeito-chave, nomeados como *sementes*, cujo objetivo foi localizar estudantes universitários com perfil que permitisse responder a presente proposta de pesquisa, dentro da população geral os participantes indicavam outros estudantes e, assim sucessivamente (PATTON, 2002, VINUTO, 2014).

O instrumento utilizado na pesquisa foi um questionário adaptado aos estudos de Flores-Garrido; Barreto-Ávila, 2018, Bittar; Nakano, 2017 e Souza et al., 2018, foi composto por 54 questões, dividido em três partes. Na primeira parte (Apêndice A), foi realizada a análise do perfil sociodemográfico dos universitários e uma investigação sobre a atual situação dos seus relacionamentos íntimos. Na segunda parte continham perguntas direcionadas a investigação sobre vitimização e perpetração de violências no namoro, dando enfoque à sua presença e frequência. Por fim, na terceira parte do questionário buscou-se identificar o perfil dos participantes, quanto a capacidade de identificar ações passíveis de violência no namoro.

A pesquisa obteve amostra final de 277 participantes, respeitando os critérios de inclusão e exclusão dispostos. A análise de dados foi realizada pela plataforma google forms e os dados obtidos pelo instrumento foram organizados de acordo com critério de prioridade das autoras em planilhas e gráficos eletrônicos. A verificação de duplicação das respostas foi garantida pela plataforma com a possibilidade de utilização de apenas uma tentativa por email, para responder ao questionário, visto que para garantir o anonimato e conforto dos participantes nenhum dado pessoal foi solicitado.

Durante a investigação dos resultados foi priorizada a elucidação da reciprocidade da violência no *dating*, para tanto deu-se maior foco para as questões que apresentam tanto indagações acerca da vitimização como da perpetração da violência pelos universitários. Além disso, as informações sociodemográficas, assim como os dados acerca da percepção dos universitários sobre o ciúme e como a violência afeta seu rendimento acadêmico foram os questionamentos elegidos para compor a presente pesquisa.

A referida investigação foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília-CEP/CEUB sob CAAE de no 43696921.9.0000.0023 e aprovado sob parecer de no 4.624.570, de 31/03/2021, respeitando as prerrogativas das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), então vigente na ocasião da análise junto ao CEP.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da complexidade de se estudar a violência no namoro, desde sua caracterização, manifestações e consequências, torna-se necessário estudar todas as variáveis que influenciam a incidência e prevalência das agressões (FLORES-GARRIDO. BARRETO-ÁVILA, 2018; OLIVEIRA *et al.*, 2021). Existe consenso em diversos estudos que a diferenciação entre gênero, idade, nível de escolaridade, situação de vulnerabilidade social e econômica atuam como fatores de risco para a vitimização e perpetração da violência entre os pares (SANTOS *et al.*, 2022). Dessa forma, a presente pesquisa buscou fomentar respostas e estabelecer embasamento a partir da análise do perfil sociodemográfico dos 277 participantes do estudo.

4.1 Dados sociodemográficos

Os participantes da pesquisa foram majoritariamente mulheres (82,3%), brancos (54,9%) e heterossexuais (69,3%). Em relação à idade houve grande variabilidade, com predominância de estudantes na faixa etária de 21 (17,7%), 20 (16,2%) e 22 anos (15,2%), respectivamente, representando um total de 49,1% (Tabela1).

Tabela 1: Distribuição das variáveis sociodemográficas dos estudantes universitários. Brasília, Brasil, 2022.

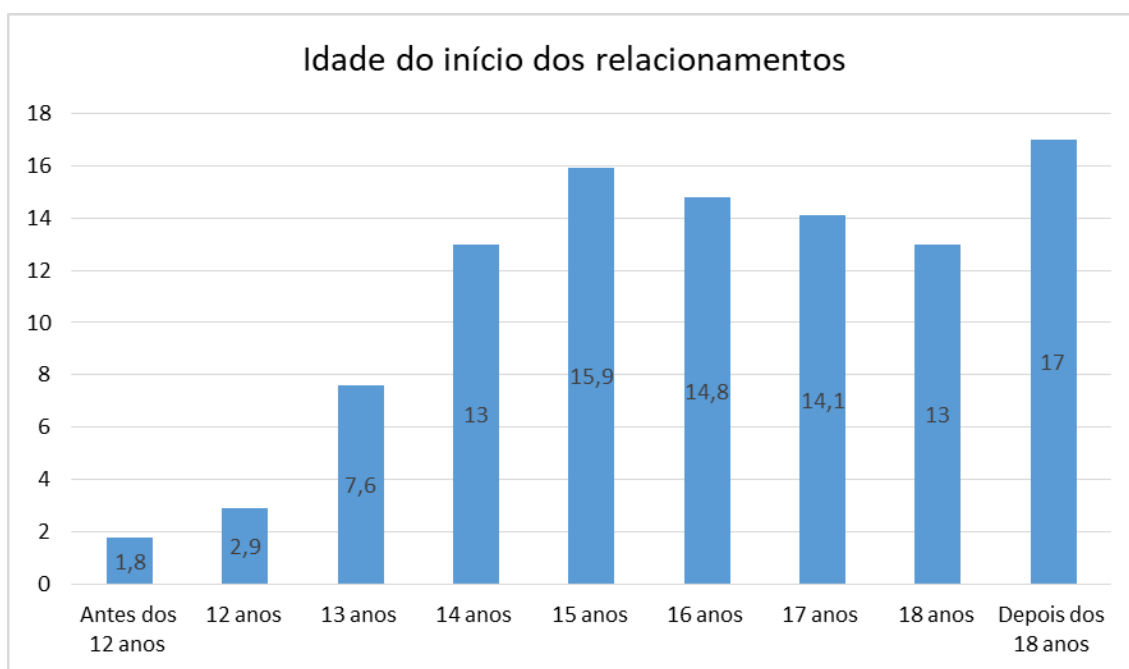
Variável	n (277)	%
Gênero		
<i>Feminino</i>	228	82,3
<i>Masculino</i>	47	17
<i>Outros</i>	2	0,7
Idade		
<i>18 anos</i>	23	8,3
<i>19 anos</i>	28	10,1
<i>20 anos</i>	45	16,2
<i>21 anos</i>	49	17,7
<i>22 anos</i>	42	15,2
<i>23 anos</i>	24	8,7
<i>24 anos</i>	17	6,1
<i>25 anos</i>	13	4,7
<i>26 anos</i>	7	2,5
<i>27 anos</i>	5	1,8
<i>28 anos</i>	3	1,1
<i>29 anos</i>	1	0,4
<i>30 anos</i>	5	1,8
<i>31 anos ou mais</i>	15	5,4
Cor/etnia		
<i>Branca</i>	152	54,9
<i>Parda</i>	96	34,7
<i>Preta</i>	25	9
<i>Amarela</i>	3	1,4
<i>Indígena</i>	0	0,0
Curso de graduação		
<i>Enfermagem</i>	31	36,5
<i>Psicologia</i>	12	14,12
<i>Publicidade</i>	7	8,23
<i>Arquitetura</i>	5	5,8
<i>Biomedicina</i>	4	4,7
<i>Ciências Biológicas</i>	4	4,7
<i>Direito</i>	3	3,5
<i>Pedagogia</i>	3	3,5
<i>Eng. Mecatrônica</i>	2	2,35
<i>Letras</i>	2	2,35
<i>Medicina Veterinária</i>	2	2,35
<i>Nutrição</i>	2	2,35
<i>Comunicação Org.</i>	2	2,35
<i>Eng. de Redes</i>	1	1,17
<i>Serviço Social</i>	1	1,17
<i>Audiovisual</i>	1	1,17
<i>Medicina</i>	1	1,17

Fonte: elaboração própria das autoras

Conforme exposto na tabela 1, os participantes da pesquisa foram majoritariamente mulheres (82,3%), brancos (54,9%) e heterossexuais (69,3%). Em relação à idade houve grande variabilidade, com predominância de estudantes na faixa etária de 21 (17,7%), 20 (16,2%) e 22 anos (15,2%), respectivamente, representando um total de 49,1%.

No que diz respeito, aos cursos de graduação, ocorreu grande diversidade de respostas, entretanto houve predominância da área da saúde, com os cursos de enfermagem, psicologia, biomedicina, nutrição e medicina.

Figura 1: Idade em que os participantes começaram a namorar.



Fonte: elaboração própria das autoras.

De acordo com a figura 1, quando questionados sobre a idade em que começaram a namorar, a maior frequência de respostas aponta que 17% dos universitários afirmam ter iniciado seus relacionamentos afetivos- sexuais com mais de 18 anos. Entretanto, por possuir grande variação de respostas, quando somados os participantes que relatam ter começado a namorar com idade inferior a 12 anos até os 18 anos, representam um total de 83%.

Dessa maneira, os dados coletados possibilitam dualidade de interpretação, visto que, estudos apontaram que iniciar relacionamentos em idade precoce aumentam as chances de vitimização durante o namoro (BORGES; HEINE; DELL' AGLIO, 2020). Todavia, estudo Mexicano realizado por Flores-Garrido e Barreto-Ávila (2018), apontam a progressão das manifestações da violência, com comportamentos e manifestação de maior intensidade e gravidade em relacionamentos afetivos entre jovens mais velhos com idade entre 18 a 26 anos.

Como requisito para participar da pesquisa, os universitários deveriam ter tido relacionamentos afetivo-sexuais nos últimos 12 meses, entretanto as relações mais fluidas, sem compromisso estabelecido, conhecidas como “ficar” que totalizaram 6,1% da amostra, também foram aceitas. Em relação às perguntas sobre as manifestações do *dating*, 59,4% dos universitários responderam o questionário baseado no seu relacionamento atual, 15,2% baseados em relacionamentos passados há menos de 1 ano e 25,4% em relacionamentos passados entre 1 e 2 anos. A duração desses relacionamentos foi vasta, com variabilidade entre 3 meses a 7 anos.

4.2 Manifestações da violência no namoro

As manifestações da violência durante o namoro podem ocorrer de diversas formas, podendo ser expressas de forma isolada ou associada, com maior ou menor frequência e intensidade. Por se tratar de uma problemática multicausal não existem regras ou parâmetros para análise da violência, entretanto, existe consenso entre as pesquisas que o *dating* pode se manifestar de forma cíclica, sendo descrito através do ciclo da violência (SOUZA; PASCOALETO; MENDONÇA, 2018).

O ciclo da violência corresponde às séries de ações e manifestações comuns entre agressores e normalmente são observadas em três fases. A primeira fase ocorre com a violência psicológica, expressa de maneira simbólica e/ou verbal, é o período caracterizado pela tensão no relacionamento, com presença de gritos, xingamentos, ameaças e medo. O segundo momento ocorre com a explosão e materialização da violência de forma física, podendo ser de maior ou menor intensidade, variando desde empurrões, tapas, mordidas até chutes, murros e espancamentos. Esta fase costuma ter curta duração, visto que, se instala o arrependimento no agressor, que entra na terceira

fase, nomeada de lua de mel. Durante esse período o agressor se arrepende da violência e faz promessas de mudanças (ALBERTIM; MARTINS, 2018).

Por se tratar de uma violência perpetrada por um parceiro/a, com quem a vítima tem vínculo e sentimentos, durante a fase de lua de mel as agressões tendem a ser perdoadas e o relacionamento passa por um período de calma e harmonia. Entretanto, as consequências da violência sofrida, muitas vezes ainda invisíveis, já estão presentes na vítima, que torna-se mais fragilizada mentalmente, com baixa estima e com a crença de que merece a violência sofrida. Nessa fase a vítima dificilmente procura ajuda, todavia é o período em que mais necessita de apoio para romper o ciclo do abuso (ALBERTIM; MARTINS, 2018, BITTAR; NAKANO, 2018).

Tabela 2 – Formas de manifestação da violência no namoro de estudantes universitários. Brasília, 2022.

Tipo de agressão	Comportamento violento	Perpetradas	Vitimadas
		n (%)	n (%)
Agressão psicológica	Fez comentários negativos sobre a aparência física	85 (30,8%)	97 (34,7%)
	Chamou de louco	88 (31,9%)	116 (42,1%)
	Falou em tom agressivo	158 (57,1%)	152 (55%)
	Ameaçou destruir algo	17 (6,1%)	38 (13,7%)
	Ignorou durante discussão	135 (48,8%)	159 (57,5%)
	Ameaçou compartilhar fotos e vídeos íntimos	3 (0,6%)	8 (2,4%)
Agressão sexual	Forçou a ter relação sexual	7 (2,1%)	51 (18%)
Agressão física	Agrediu fisicamente (empurrão, murros, tapas, arranhão, mordida, chutes, entre outros)	37 (12,9%)	42 (15,1%)

Fonte: Elaboração própria das autoras

4.3 Violência Psicológica

A tabela 1, mostra os resultados em relação às perguntas que demonstram vitimização e perpetração dos jovens em relação aos vários tipos de manifestações da

violência no namoro. É possível analisar que a violência psicológica, foi a agressão mais presente na pesquisa.

Esse dado está em conformidade com outras pesquisas que apontam a violência psicológica como a mais prevalente no *dating*. Estudo mexicano demonstrou que 73% dos participantes da pesquisa foram vítimas de alguma manifestação de violência psicológica no namoro (FLORES-GARRIDO; BARRETO-ÁVILA, 2018). Bem como, estudo colombiano realizado por Benavides (2016), afirmou que 92,7% dos jovens estão em relacionamentos onde a violência psicológica é a mais evidenciada.

As manifestações de violência psicológica mais incidentes entre os universitários foram sinalizadas através das seguintes questões: “ignorou durante uma discussão”, com 48,8% dos participantes como agressores e 57,5% apresentando-se como vítimas, “chamou de louco” com 31,9% dos jovens se identificando como agressores e 42,1% como vítimas, seguido de “fez comentários negativos sobre a aparência física”, 30,8% como agressores e 34,7% como vítimas.

No *dating*, a expressão de violência psicológica mais incidente ocorre através da violência verbal, desencadeada por motivos torpes, como ciúmes, traição, fofoca (CECCHETTO et al., 2016). Em pesquisas recentes foi apresentada através de xingamentos, críticas negativas ao corpo e comportamento sexual dos parceiros, ridicularização do parceiro/a em público, entre outros (BARREIRA et al., 2016; FLORES-GARRIDO; BARRETO-ÁVILA, 2018; CECCHETTO et al., 2016).

A violência psicológica é utilizada como estratégia de controle, dominação e manifestação de poder pelo agressor. É o tipo de violência com maior incidência de reciprocidade entre os parceiros, por se tratar de uma violência que não gera consequências físicas imediatas, muitas vezes não é reconhecida como agressão e sim como manifestação de personalidade e ferramenta de comunicação entre os pares. Além disso, é um preditor para a ocorrência de violência física e sexual. Dessa forma, enfocar as agressões de cunho psicológico pode ser uma forma de prevenir a violência física e sexual no namoro entre os jovens (FLAKE et al., 2013; FLORES-GARRIDO; BARRETO-ÁVILA, 2018).

A violência psicológica é justificada por fatores diferentes de acordo com o gênero. Em algumas pesquisas foi descrita como um recurso masculino utilizado para não recorrer a agressão física, assim como, para garantir controle, coerção,

constrangimento e obediência da parceira. Já para o gênero feminino, a violência psicológica torna-se mais incidente pois as mulheres são socialmente condicionadas a expressar emoções de maneira verbal. A perpetração por parte das mulheres, normalmente, é utilizada como forma de controle, tentativa de culpabilização do parceiro e mecanismo de resolução de conflitos (BENAVIDES, 2016; BARREIRA *et al.*, 2014; MINAYO *et al.*, 2011).

Dessa forma, a predominância de violência psicológica, na presente pesquisa, pode ser interpretada por algumas variáveis. Em primeiro lugar a amostra da pesquisa foi composta majoritariamente pelo público feminino (82,3%) e em segundo lugar pode-se abrir espaço para indagação sobre em que momento do ciclo da violência está no relacionamento dos participantes.

4.4 Violência sexual

A segunda manifestação de violência mais sofrida pelos universitários da pesquisa foi a violência sexual, representada, sobretudo, pela relação sexual forçada, onde 18% dos jovens relatam já terem sido forçados pelos parceiros a terem relações sexuais e 2,1% se identificam como agressores em algum momento da relação. Esse resultado está em consonância com os achados de Flake *et al.* (2013) e Souza, Pascoaleto e Mendonça, que também referem, em seus estudos, a violência psicológica como mais prevalente, seguida da violência sexual.

A baixa prevalência dessa manifestação de violência na pesquisa, permite um questionamento: os participantes poderiam ter vergonha se afirmarem como agressões?

Quando analisado de maneira isolada o gênero feminino (n= 228), presente na pesquisa, apenas 1,3% das mulheres afirmam já ter forçado a relação sexual com seus parceiros/as. Já o gênero masculino (n= 47), possui 6,4% de incidência para a perpetração de coerção sexual. Esse resultado nos permite indagar sobre a vitimização feminina em relação a violência sexual, visto que, embora constituam a maior parte da amostra da pesquisa (82,3%), ainda são as mais vítimas da agressão sexual.

No que se refere a violência sexual dentro do contexto dos relacionamentos íntimos dos jovens, como as relações de “ficar” e namoro, pode existir a errônea impressão da obrigatoriedade sexual, por vezes, é tênue o limite entre a experimentação da

sexualidade e a violação sexual do parceiro (MINAYO et al., 2011). Além disso, por se tratar de uma fase de descoberta e experimentação sexual, a violência sexual nessa faixa etária pode gerar consequências com maior seriedade que vão desde gravidez indesejada, infecções sexualmente transmitidas, debilidade psicológica até ideação e consumação de suicídio (SANTOS et al., 2022; CARVALHAES; CÁRDENAS, 2021).

Embora também seja uma violência que pode ser recíproca entre os pares, as mulheres são as principais vítimas da violência sexual, principalmente as adolescentes e jovens que possuem sete vezes mais chances de serem violentadas se comparado com outras faixas etárias (SANTOS et al., 2022). A coerção sexual é a principal estratégia para forçar a relação sexual entre os parceiros, são utilizadas ameaças de término de namoro, ameaças de compartilhamento de imagens e/ou vídeos íntimos e por se tratar dos primeiros relacionamentos afetivo-sexuais dos jovens o sexo é cobrado pelo agressor como uma prova de amor (CECCHETTO et al., 2016; MINAYO et al., 2011).

Além da maior incidência de agressão sexual no sexo feminino, o estigma moral, por vezes também acompanha a violência sexual. As mulheres são rotuladas, penalizadas e insultadas por seu comportamento sexual enquanto os homens recebem status de poder e virilidade (SANTOS et al., 2022).

4.4 Violência física

A violência física foi a manifestação de violência menos vitimada entre os participantes da pesquisa, apenas 15,1% dos jovens afirmaram já ter sofrido algum episódio de agressão física de seus parceiros íntimos, entretanto, essa manifestação de violência foi a segunda mais perpetrada entre os universitários, uma vez que, 12,8% dos participantes se reconhecem como agressores. Os resultados do presente estudo corroboram com os achados de Minayo e cols. (2011) onde a agressão física foi a segunda maior forma de perpetração do *dating violence* nos relacionamentos amorosos entre adolescentes.

A violência física nas relações de namoro decorre mediante uma tentativa de expressar poder sobre o parceiro, objetiva-se controlar o parceiro dentro da relação íntima envolvendo diretamente o contato corporal que inflige dano não acidental. O uso da força física pode se manifestar por diversas maneiras como, por exemplo, puxões de cabelos, tapas e esbofeteamento, estrangulamento, arremesso de objetos contra o

parceiro, arranhões, pontapés, golpes de cabeça e empurrões violentos (BESERRA *et al.*, 2016; FLAKE *et al.*, 2013; FLORES-GARRIDO; BARRETO-ÁVILA; 2018).

Tabela 3- Percepção dos universitários frente aos ciúmes na relação de namoro. Brasília, DF, 2022.

Ciúmes	NÃO (%)	SIM (%)
1. Seu parceiro sente ciúmes dos seus colegas de faculdade?	36,5	63,4
2. Você sente ciúmes dos colegas de faculdade do seu parceiro?	47,6	52,3
3. Você considera o ciúme como uma forma de manifestação do amor?	74,3	25,7
4. Você espiona as redes sociais do seu parceiro?	40,4	59,5
5. Seu parceiro espiona suas redes sociais?	49,8	50,1

Fonte: elaboração própria dos autores.

A tabela 3 representa a percepção dos universitários frente aos ciúmes na relação de namoro, os dados apresentados são muito expressivos, visto que 63,4% dos jovens afirmam que seu parceiro sente ciúmes dos seus colegas de faculdade e 52,3% reconhecem ter ciúmes dos colegas de faculdade do seu namorado(a).

Quando questionados sobre o ciúme ser considerado uma forma de manifestar amor, afeto e romance, 25,7% dos participantes concordam e 74,3% dos participantes discordam. Ao analisar esse resultado, podemos observar que os universitários percebem o ciúmes como uma manifestação de violência e ainda assim possuem altas taxas de vitimização e perpetração quando questionados sobre a temática.

O ciúme é o principal fator desencadeador de comportamentos violentos nas relações íntimas, sendo usado como justificativa para o uso da força física dentro do relacionamento. Nas relações de namoro o ciúme pode ser entendido como uma manifestação do amor romântico, como uma forma de cuidado, zelo e expressão de amor e atenção, no entanto, em alguns relacionamentos é concebido como um comportamento prejudicial, controlador e agressivo, devendo ser evitado na relação (CECCHETTO *et al.*, 2016; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011; BITTAR; NAKANO, 2017).

Estudo brasileiro realizado por Nascimento e Cordeiro (2011), revela que alguns comportamentos controladores como o cerceamento da liberdade, podem ser

entendidos como brincadeiras entre namorados. O ciúme pode ser percebido como violência quando associado a uma ameaça de agressão física ou se ocorre com frequência, no entanto, o ciúme romântico pode não ser interpretado como uma forma de abuso se for entendido como uma "brincadeira" ou manifestação de carinho entre namorados.

Dessa forma, condutas que demonstram ciúme podem ser consideradas abusivas e violentas em alguns contextos e em outros não. Essa dualidade na interpretação do ciúme é preocupante, pois sua naturalização como expressão do amor romântico trazida pela cultura ocidental, acaba dificultando a percepção das vítimas sobre comportamentos abusivos e controladores, podendo favorecer esse tipo de violência (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Por ser utilizado como ferramenta para controlar o parceiro dentro de um relacionamento íntimo, o ciúme é considerado uma manifestação de agressão psicológica, dessa forma, o "ciúme obsessivo" se manifesta por meio de ameaças e proibições, como, por exemplo, cercear o parceiro de realizar atividades de lazer, proibir e escolher o tipo de roupa que seu parceiro deve usar, coibir seu parceiro de ter amizades com pessoas do sexo oposto, em relacionamentos heteroafetivos, e do mesmo sexo em relacionamentos homoafetivos (CECCHETTO *et al.*, 2016; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011).

Tabela 4- Dinâmica do *dating* sobre rendimento acadêmico dos universitários. Brasília, DF, 2022.

Rendimento acadêmico	NÃO (%)	SIM (%)
1. Você já deixou de participar de aulas, eventos e atividades da universidade por conta do seu relacionamento?	74,2	25,7
2. Ele/a já te encorajou a trancar o curso?	93,8	6,1
3. Seu relacionamento afeta seus estudos/rendimento acadêmico?	51,6	48,3
4. Seu parceiro/a apoia sua escolha acadêmica?	6,5	93,5

Fonte: elaboração própria dos autores.

A tabela 4, demonstra como o *dating violence* pode afetar o rendimento acadêmico dos participantes da pesquisa. Quando questionados se o parceiro/a afetava o desempenho acadêmico 48,3% (n= 135) dos participantes afirmaram que sim.

Embora não se possa explicar em detalhes o motivo ou de que forma o namoro prejudique os estudos dos universitários desta pesquisa, já é consenso entre os estudos que estar inserido em contextos de violência em suas múltiplas formas e manifestações durante os relacionamentos afetivo-sexuais predis põem à queda na produtividade acadêmica e em casos mais graves o abandono/evasão escolar, visto que, a vivência da violência causa exaustão mental e impede a execução das responsabilidades acadêmicas (FLORES-GARRIDO; BARRETO-ÁVILA, 2018).

O ambiente acadêmico, para alguns jovens, representa além do ambiente de aprendizado, um local de paquera e de encontro de parceiros, os espaços são utilizados para potencializar a interação entre os jovens. Entretanto também pode ser palco para a violência que, se torna invisível, visto que, a inexistência de programas de prevenção e intervenção por parte das instituições de ensino, que muitas vezes não consideram a violência como parte de sua política institucional, dessa forma, obrigam os jovens a enfrentar os custos da violência no namoro de forma pessoal e privada. Conseqüentemente, favorecendo o abandono educacional, a perda de espaço e mobilidade dos estudantes que sofrem com a violência (CARVALHAES; CÁRDENAS, 2021; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011. FLORES-GARRIDO; BARRETO-ÁVILA, 2018).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivo analisar as agressões cometidas por universitários em relacionamentos afetivo-sexuais e suas percepções acerca da violência. Como principal achado, obteve-se como resposta às indagações elencadas que, a violência psicológica foi a agressão como maior reciprocidade da pesquisa. Esse dado corrobora com diversas publicações e pode ser justificado pelo fato da agressão de cunho psicológico que envolve manifestações verbais, morais e simbólicas podem ser naturalizadas e invisibilizadas como violência.

Em sequência, os dados da pesquisa mostraram que a violência sexual foi segunda mais vitimada, entretanto a menos perpetrada pelos universitários. Já a

violência física foi a segunda mais perpetrada. Esse resultado foi analisado sobre a perspectiva de que, como a maioria dos participantes da pesquisa são mulheres, essas manifestações da violência são mais prevalentes no gênero feminino.

Pode-se perceber também o reconhecimento do ciúme como manifestação de violência e não como sinônimo de demonstração de amor. Embora a incidência de ciúmes se mantenha elevada entre os participantes, o reconhecimento dele como agressão torna-se um fator protetivo para os jovens, aumentando a possibilidade de vivenciarem relacionamentos saudáveis.

Embora os dados coletados tenham permitido explorar o contexto do *dating* no Distrito Federal, alguns pontos ainda necessitam de explanação. Ressalta-se, como limitação da pesquisa, que os participantes da investigação representam uma parcela de universitários, que residem na capital brasileira e, portanto, os resultados não podem ser generalizados, dados os múltiplos contextos em que esse tipo de violência pode se estabelecer. Porém, urge a necessidade de se dialogar sobre o *dating violence*, desenvolver e implementar programas de prevenção e intervenção para atuar frente à temática. A prevalência encontrada neste estudo não demonstra ser um caso isolado, mas reafirma a certeza do problema que atinge os relacionamentos nos espaços universitários em todo o país.

Destarte, entende-se que através de intervenções multiprofissionais envolvendo tanto o apoio familiar, quanto o ambiente social em que os jovens estão inseridos, os ciclos de violências podem ser rompidos. Essas mediações proporcionam aos jovens envolvidos ferramentas de manejo para o enfrentamento da violência e a busca de auxílio quando despontadas as relações de abuso de poder e violência no namoro.

REFERÊNCIAS

- ALBERTIM, R.; MARTINS, M. Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relações tóxicas. 2018. 13f. Artigo científico apresentado no 41º Congresso Brasileiro da Comunicação- Joinville- SC 2 a 8/09/2018. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, PE, 2018.
- BARREIRA, A. K. *et al.* Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 217-228, mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/dd7q7nNNGJNvKHvp6mzR4yB/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- BENAVIDES, J. D. Violencia en el noviazgo: Diferencias de género. **Informes Psicológicos**, Colômbia, v. 16, n. 2, p. 27-36, maio 2016. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=pbh&AN=118701376&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 3 jul. 2022.
- BESERRA, M.P. *et al.* Prevalência de violência no namoro entre adolescentes de escolas públicas de Recife/PE- Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**, Portugal, v. 4, n. 7, p. 91-99, out/dez 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388243209013>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- BITTAR, D. B.; NAKANO, A. M. S. Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 51, p. e03298, out. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v51/pt_1980-220X-reeusp-S1980-220X2017003003298.pdf. Acesso em: 3 jul. 2022.
- BORGES, I. A. **Violência no namoro e consumos de substâncias em jovens estudantes universitários**. 2016. 92f. Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal, 2016. Disponível em: https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/5338/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o_%20In%c3%aas%20Borges.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.
- BORGES, J.L.; DELL'AGLIO, D.D. Esquemas iniciais desadaptativos como mediadores entre os maus tratos na infância e a violência no namoro na adolescência. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 8, p. 3119-3130, ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/HPqsHKnRDynJqgS4tSpqgYQ/?lang=pt#>. Acesso em: 28 maio 2022.
- BORGES, J.L.; HEINE, J. A.; DELL'AGLIO D. D. Variáveis pessoais e contextuais preditores de perpetração de violência no namoro na adolescência. **Acta Colombiana de Psicología**, Bogotá, v. 23, n. 2, p. 460-470, dez. 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123-91552020000200460&script=sci_arttext&tlng=pt#B25. Acesso em: 10 jul. 2022

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 4., n. 24, p. 485-493, out. 2006. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/8027>. Acesso em: 01 jul. 2022.

CARVALHAES, R. S.; CÁRDENAS, C. M. M. “Namorar é só sofrência”: violência na relação afetivo-sexual de adolescentes de uma escola na região de Costa Verde, Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 7, p. 2719-2728, jul. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9rYjvs3wBnxzf4NYs98FGHx/?lang=pt#>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CECCHETTO, F. *et al.* Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo- sexual em dez cidades brasileiras. **Interface**, Botucatu, v. 20, n. 59, p. 853-864, out./dez.2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/yGVZcySph7DjKsd8nhRdyjc/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 13 jul. 2022.

COSTA, C.M.O. **A invisibilidade LGBT: Violência na intimidade de casais homossexuais e o papel das Estrutura de Apoio às Vítimas**. 2021. 93f. Dissertação (Mestrado) da Faculdade de Letras da Universidade de Porto, Porto, 2021. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/137698/2/514720.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2022.

COSTA, N. B. A.; MODESTO, J. G. Representação social do relacionamento amoroso saudável. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 12, n. 1, p. 100-115, jan. 2020. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/3497/2431>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DANK, M. *et al.* Dating Violence Experiences of Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth. **Journal of Youth and Adolescence**, [s. l.], v. 43, p. 846–857, jul. 2013. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%252Fs10964-013-9975-8#citeas>. Acesso em: 06 jun. 2022.

ELÍCIO, R.; NEVES, S.; PAULOS, R. A violência no namoro em casais do mesmo sexo: discursos de homens gays. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Lisboa, v. 117, p. 47-72, mai. 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/8149#quotation>. Acesso em: 05 ago. 2022.

FLAKE, T. A *et al.* Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do Estado de São Paulo, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 801-816, dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/XhTvkWHy3HBPJVhqrPDqJFS/?lang=en>. Acesso em: 02 jul. 2022.

FLORES-GARRIDO, N.; BARRETO-ÁVILA, M. Violencia en el noviazgo entre Estudiantes de la Universidad Nacional Autónoma de México. Un análisis mixto. **Revista Iberoamericana de Educación Superior**, México, v. 9, n.26, p. 42-63, out.

2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/ries/v9n26/2007-2872-ries-9-26-42.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2022.

HERNÁNDEZ, R. R.; MORENO, L. R.; VIVEROS, N.C. Violencia en el noviazgo, género y apoyo social en jóvenes universitarios. **Escritos de Psicología**, Málaga, v. 11, n. 1, p. 1-9, abr. 2018. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?pid=S1989-38092018000100001&script=sci_abstract&lng=en. Acesso em: 20 ago. 2022.

MAKEPEACE, J. M. Courtship Violence Among College Students. **Family Relations**, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 97, jan. 1981. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=sih&AN=4703691&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 22 fev. 2022. DOI: 10.2307/584242.

MARTINS, T. C. F. M. Transição da morbimortalidade no Brasil: um desafio aos 30 anos de SUS. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 10, p. 4483-4496, out. 2021. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/csc/2021.v26n10/4483-4496/#>. Acesso em: 01 ago. 2022.

MINAYO, M. C. D. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros**. 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/4c6bv/pdf/minayo-9788575413852.pdf>. Acesso em 22 jul. 2022.

NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. de L. M. Violência no namoro para jovens moradores de Recife, Brasil. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 516-525, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n3/09.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2022.

NJAINE, K.; ASSIS, S.G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J.Q. **Impactos da violência na saúde**. 2020. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/p9jv6/pdf/njaine-9786557080948.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2022.

OLIVEIRA, A. P. F. et al. Violência nas relações íntimas entre adolescentes de região de alta vulnerabilidade social. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 29:e3499, set. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/PfWXGh6NNhgjj63Qx3VDPPk/?lang=en>. Acesso em: 10 ago. 2021.

OLIVEIRA, Q. B. M. *et al.* Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 707-718, mar. 2014. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=foh&AN=95874426&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 22 jul. 2022. DOI: 10.1590/1413-81232014193.19052013.

OLIVEIRA, R. N. G. *et al.* A prevenção da violência por parceiro (a) íntimo (a) na adolescência: uma revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 134-143, fev. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/GX36MCTvC7hT34QsDnHDtnz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 jul 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. 2002. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>. Acesso em 01 jul. 2022.

ORTEGA, R; SÁNCHEZ, V. Juvenile dating and violence. In I. Coyne and C. Monks (Eds). *Bullying in different contexts: commonalities, differences and the role of theory*. London: Cambridge University Press. DRAFT VERSION. 2010.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative Research and Evaluation Methods**. Thousand Oaks: Sage, 2002.

SANTOS, C. A. S. *et al.* Violência sexual perpetrada na adolescência e fase adulta: análise dos casos notificados na capital de Rondônia. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 26, e20210405, jun.2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/yxm8nmjPCp5pHfY4crjq6gh/abstract/?lang=es#>. Acesso em 10 ago. 2022.

SOUZA, T. M.C.; PASCOALETO T. E.; MENDONÇA N. D. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 10, n.3, p. 31-43, set./dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2177-093X2018000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 jul. 2022.

TAQUETE, S.R.; MONTEIRO, D. L. M. Causas e consequências da violência no namoro entre adolescentes: uma revisão sistemática. *Journal of injury and violence research [s.l.]*, v. 11, n. 2, p. 137-147, jul. 2019. Disponível em: <https://jivresearch.org/jivr/index.php/jivr/article/view/1061>. Acesso em: 10 ago. 2022.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

APÊNDICE A

APÊNDICE A – Instrumento para a coleta de dados

PARTE I – Perfil sociodemográfico dos universitários

1. Idade _____ 2. Sexo () masculino () feminino () outro

3. Orientação sexual: () heterossexual ou heteroafetivo

() homossexual ou homoafetivo

() bissexual ou biafetivo

4. Cor ou raça

() Branca

() Preta

() Parda

() Indígena

() Amarela

() Não deseja declarar

4. Curso: _____

5. Assinale com (x) a opção que melhor se aplica a sua situação.

() Nunca namorei (caso nunca tenha namorado, desconsidere/ não responda ao questionário).

() Namoro ou já namorei nos últimos 12 meses.

() Namoro ou já namorei nos últimos entre 1 ano e 2 anos

() Namoro ou já namorei nos últimos 2 anos

() Saio ou saí com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro.

6. Se já namorou, com qual idade começou a namorar? _____

7. Nas questões a seguir sobre seu relacionamento atual ou passado assinale em qual está se baseando para responder às questões:

() atual relacionamento

() relacionamento passado há menos de um ano

() relacionamento passado há entre 1 ano e 2 anos

() relacionamento passado há mais 2 anos

8. Há quanto tempo dura ou durou esse relacionamento? _____

PARTE II - Dinâmica sobre a vitimização e perpetração de violências no namoro

As questões a seguir referem-se a situações ocorridas durante momentos do relacionamento e em conflitos e discussões. Marque a alternativa que melhor identifica a frequência das situações. Lembre-se- se que todas as respostas são confidenciais.

Nunca: isso nunca aconteceu no teu relacionamento

Raramente: isso aconteceu apenas 1-2 vezes no teu relacionamento

Às vezes: isso aconteceu cerca de 3-5 vezes no teu relacionamento

Frequentemente: isso aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento

1. Ele/Ela faz comentários negativos sobre sua aparência física.				
2. Você já fez comentários negativos sobre a aparência física do seu parceiro (a)				
3. Ele/Ela invalida suas falas e sentimentos afirmando que você é louco (a).				
4. Você já chamou seu parceiro (a) de louco (a)				
5. Ele/Ela me faz sentir culpada pelos nossos conflitos.				
6. Ele/Ela tentou colocar os meus amigos contra mim.				
7. Ele/Ela falou comigo em um tom agressivo.				
8. Você já falou em tom agressivo com seu parceiro (a)				
9. Ele/Ela destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa que eu gostava.				
10. Você já destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa que seu parceiro (a) gosta.				

11. Ele/Ela me ignorou durante uma discussão.				
12. Você já ignorou seu parceiro (a) durante uma discussão.				
13. Ele/Ela já ameaçou compartilhar fotos, vídeos íntimos com outras pessoas.				
14. Você já ameaçou ou compartilhou fotos, vídeos íntimos do seu parceiro (a)				
15. Ele/Ela me forçou a ter relação sexual quando eu não queria.				
16. Você já forçou seu parceiro (a) a ter relações sexuais.				
17. Ele/Ela beijou-me quando eu não queria.				
18. Ele/Ela te ameaçou dizendo que se você não fizer sexo, ele/ela vai terminar com você.				
19. Ele/Ela disse aos amigos que vocês fazem sexo, embora não seja verdade.				
20. Em tom de brincadeira, ele/ela já se referiu a você de uma forma que ofenda sua conduta sexual.				
21. Ele/Ela já te machucou fisicamente durante o ato sexual sem consentimento.				
22. Ele/Ela já jogou algum objeto em mim.				
23. Ele/Ela já empurrou você.				
24. Ele/Ela já deu um tapa em você sem consentimento.				
25. Ele/Ela tentou te estrangular sem consentimento.				
26. Ele/Ela já chutou você.				

27. Ele/Ela já jogou ou bateu em um objeto pensando em você.				
28. Você já evitou conflitos por medo de agressão física.				
29. Você já agrediu fisicamente seu parceiro (a) (murros, tapas, arranhão, mordida, chutes, entre outros)				
30. Seu parceiro (a) sente ciúmes dos colegas de faculdade.				
31. Você sente ciúmes dos colegas de faculdade do seu parceiro (a).				
32. Você já deixou de participar de aulas, eventos e atividades da universidade por conta do seu relacionamento.				
33. Ele/Ela já te encorajou a trancar o curso.				
34. Seu relacionamento afeta seus estudos/rendimento acadêmico.				
35. Seu parceiro (a) espiona/ <i>stalkeia</i> suas redes sociais.				
36. Você espiona/ <i>stalkeia</i> as redes sociais do seu parceiro (a).				

PARTE III - Percepção dos universitários frente as situações de violência no namoro

	Sim	Não
1. Para você o ciúmes é uma forma de manifestar o amor, afeto, romance?		
2. Seu parceiro(a) apoia sua escolha acadêmica?		
3. Seu parceiro(a) possui as senhas das suas redes sociais?		

4. Você considera normal alterar o tom de voz, gritar, usar xingamento durante uma discussão?		
5. Você considera normal alterar seu ciclo social por causa do relacionamento?		
6. Você considera normal deixar de frequentar locais/ambientes por causa do seu relacionamento?		
7. Você concorda que seu namorado(a) pode controlar o que você veste?		
8. Você considera normal fazer sexo para agradar o parceiro mesmo sem vontade?		
9. Você acha que sabe identificar sinais de violência em um relacionamento?		
10. Você já esteve em um relacionamento abusivo/violento?		

**APÊNDICE B - Termo de Consentimento
Livre e Esclarecido – TCLE**

A dinâmica do *dating violence* entre jovens universitários na Capital Federal Brasileira.

Instituição dos/(as) pesquisadores(as): Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.

Pesquisadora responsável: Profa. Dra.

Pesquisadoras assistente:

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O objetivo do estudo é analisar a dinâmica do *dating violence* entre jovens universitários da capital federal brasileiro.

Para tanto, produzirá dados por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas, assim como analisará bancos de dados de domínio público. A sua participação implicará em responder a um questionário anônimo *on-line*, composto de perguntas abertas e fechadas.

É importante constar que esta pesquisa está eticamente amparada pelas resoluções do Conselho Nacional de Saúde, CNS nº466/2012 e nº 510/2016.

Sobre riscos e possíveis benefícios advindos de sua participação, cabe destacar que a pesquisa prevê riscos mínimos a sua integridade, uma vez que se trata de questionário anônimo *on-line*.

Outro item previsto na resolução do CNS é a garantia de esclarecimento, liberdade de recusa e garantia de sigilo aos participantes do

estudo. Você poderá solicitar esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer etapa do estudo. Você é livre para recusar-se a participar ou interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de justificativa.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade. Os pesquisadores asseguram que sua identidade será preservada e que o sigilo será mantido. Os dados coletados serão mantidos por um período de cinco (05) anos, conforme item XI.2, alínea f, da Resolução 466/2012.

Os resultados de todas as entrevistas e enquetes serão utilizados na elaboração do relatório final da pesquisa, e podem ser utilizados também em artigos, apresentações em congressos ou conferências. A sua participação não acarretará custos para você e não será disponibilizada nenhuma compensação financeira.

Confidencialidade

Os seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

() Após a leitura deste TCLE, eu concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Equipe de contato:

Profa. Dra. XXXXXX

Tel.: (61) 3966-1474

Tel. alunxs: (xx) xxxxx.xxxxx